



Tempos acelerados: a multitarefa na produção de fotografias jornalísticas¹

Accelerated times: multitasking in the production of journalistic photographs

Tiempos acelerados: la multitarea en la producción de fotografías periodísticas

Silvio da Costa Pereira – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande | MS | Brasil. E-mail: silvio.pereira@ufms.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7042-8393>


Resumo: A partir de dados obtidos por observação participante, o presente estudo visa discutir os efeitos do processo de flexibilização nas redações jornalísticas sobre a produção de imagens, em especial fotográficas. Observou-se uma queda de qualidade, tanto no processo de produção quanto de edição, à qual associamos os cortes de profissionais e a consequente necessidade de trabalhar no modo multitarefa. Buscamos mostrar que, na base da transferência da produção de imagens dos repórteres fotográficos para repórteres de texto, há um fetiche tecnológico que não se sustenta. Conclui-se pelo risco que tais procedimentos acarretam para o Jornalismo quando tornam sua produção mais superficial.

Palavras-chave: fotojornalismo; flexibilização; multitarefa.

Abstract: Based on data obtained through participant observation, the present study aims to discuss the effects of the journalistic's newsrooms flexibilization process on the production of images, especially photographic ones. There was a drop in quality both in the production and editing process, which we associate with professional cuts and the consequent need to work in multitasking mode. We seek to show that on the basis of the transfer of the image's production from photojournalists to reporters there is a technological fetish that cannot be sustained. We concluded by the risk that such procedures entail for Journalism when they make the production more superficial.

Keywords: photojournalism; flexibilization; multitasking.

¹ O presente artigo é um recorte, focado e ampliado, feito a partir da tese de doutorado do autor.

 <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2023v11id5138>



Resumen: A partir de datos obtenidos a través de la observación participante, el presente estudio tiene como objetivo discutir los efectos del proceso de flexibilización en las redacciones periodísticas sobre la producción de imágenes, especialmente fotográficas. Hubo una bajada de calidad tanto en el proceso de producción como de edición, lo que asociamos a los cortes profesionales y la consecuente necesidad de trabajar en modo multitarea. Buscamos mostrar que a partir del traslado de la producción de imágenes de los reporteros fotográficos a los reporteros de texto existe un fetiche tecnológico que no se puede sostener. Se concluye por el riesgo que tales procedimientos implican para el Periodismo cuando hacen más superficial su producción.

Palabras claves: fotoperiodismo; flexibilización; multitarea.

Recebido em: 30/09/2022

Aprovado em: 31/05/2023

Revisado em: 18/09/2023



1 Introdução

Foi-se o tempo em que fotojornalistas ‘apenas’ captavam fotografias.

Numa mistura de aceleração da sociedade contemporânea, novas estratégias de acumulação de capital e convergência tecnológica, esses profissionais – mas não só eles – passaram a realizar diversas funções dentro das redações jornalísticas.

O presente artigo foi construído a partir da observação participante em três redações brasileiras², e seu objetivo é abordar as implicações que o trabalho multitarefa vêm trazendo para a produção e edição de imagens no âmbito do jornalismo. Dialogamos com Fonseca (2005), Nicoletti (2019) e Souza (2007) para abordar aspectos ligados à questão laboral. Lima e Mick (2013; 2022) nos trazem dados sobre os profissionais brasileiros. Salaverria e Negredo (2008) nos ajudam a pensar os processos de convergência nas redações. Silva Júnior (2014) colabora para que transitemos entre os autores citados anteriormente e a fotografia jornalística. De nossa pesquisa doutoral trazemos as vivências e relatos dos profissionais. Por fim, Latour (2013) nos serve como base para conectar as reflexões do trabalho multitarefa na produção de imagens jornalísticas a partir da noção de hibridação.

Partimos de uma compreensão ampliada do conceito de fotojornalismo, que abarca os processos de captação, indexação, seleção, tratamento, edição e criação de narrativas visuais com fotos e vídeos, bem como o trabalho junto a amadores e profissionais que produzam tais imagens, sempre com o objetivo de criar relatos sincréticos. O que implica que enxergamos que hoje há um descolamento entre fotojornalismo e fotojornalistas, separação que tem relação com o modo de trabalho multitarefa que abordamos no presente artigo³.

² Não nomeamos os veículos nos quais realizamos a pesquisa porque nos comprometemos, junto aos sujeitos pesquisados, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que não iríamos identificá-los bem como iríamos evitar que essa identificação fosse possível. Como nos valemos de relatos dos mesmos para refletir a respeito de nosso objeto, somar tais narrativas à identificação dos veículos poderia tornar alguns de nossos entrevistados identificáveis. Nos limitamos, portanto, a apontar que realizamos a pesquisa junto a um veículo de porte médio e de enfoque regional da região sul, um veículo de porte médio e de enfoque local/regional da região centro-oeste e um veículo de enfoque nacional da região sudeste. Escolhemos a região sul por nela residirmos ao longo do doutorado, mas também por contar com veículos regionais de porte médio que se valiam da fotografia e do vídeo para além dos modos tradicionais do impresso e da TV. A região centro-oeste foi eleita por ser onde atuamos profissionalmente e para onde retornaríamos após o doutorado, bem como por ter empresas jornalísticas eminentemente locais ou regionais que ainda iniciavam experimentações de usos da fotografia e do vídeo fora dos modos tradicionais, mas também que contava com muitos veículos nativos digitais. Por fim, a região sudeste foi escolhida porque concentrava os principais veículos jornalísticos brasileiros de grande porte, que já usavam em suas narrativas a fotografia e o vídeo em modos bastante diversificados.

³ Esta compreensão é abordada na pesquisa doutoral que embasa o presente artigo.



Tais mudanças ocorrem dentro de um movimento maior, de reconfiguração do mercado de trabalho na sociedade ocidental, marcado pela transição de um modelo fordista ou taylorista – baseado na produção em massa, na divisão da força de trabalho, na especialização, na padronização, no trabalho por períodos diários fixos e na remuneração proporcional ao tempo trabalhado – para outro, pós-fordista ou toyotista – vinculado à produção sob demanda, ao trabalho em equipes polivalentes e à remuneração ligada ao desempenho pessoal. Assim, em vez de executar uma única tarefa, do início ao fim, sempre na mesma função, os profissionais contemporâneos passaram a realizar múltiplas atividades, dividindo seu tempo para executar todas paralelamente, mesmo que em funções diferentes. “Flexibilidade é a expressão-síntese, definidora dos novos tempos”, diz Virgínia Fonseca (2005, p. 259).

Tais mudanças no modo capitalista de produção são engendradas entre o final da década de 1960 e o início da de 1970, e abrangem todas as áreas, ramos ou países. A ideia central é aumentar a produtividade e os lucros com menos investimento em mão de obra.

O espírito geral deste modelo é a otimização de processos e equipes, tanto que o enxugamento dos quadros funcionais faz parte de sua lógica: uma vez que uma pessoa pode fazer o trabalho de outras duas ou três, é possível manter as atividades com o número reduzido de trabalhadores e ter como contrapartida maior lucro. (NICOLETTI, 2019, p. 26).

No jornalismo esse modelo pode ser notado a partir dos anos 1990 e, segundo Nicoletti (2019), ganha força nas redações brasileiras principalmente com a abertura econômica e o uso comercial da Internet que ocorrem naquele período. Além do enxugamento das equipes⁴ e do acúmulo de funções, nota-se também a ampliação de contratações temporárias, de *freelancers* e de jornalistas como pessoa jurídica (conhecidos no meio como PJ).

⁴ A análise de dados disponíveis no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego, relativos aos últimos cinco anos (2018 a 2022), revela uma perda de 1799 vagas entre fotojornalistas (CBO=261820), jornalistas (CBO=261125), repórteres (CBO=261135) e repórteres de rádio e TV (CBO=261730). Os dados do CAGED foram obtidos em <ftp://ftp.mtpe.gov.br/pdet/microdados>, e na tabulação dos dados foram levados em conta tanto os lançamentos normais quanto os ajustes e as exclusões registradas posteriormente. Relevante destacar que a função de fotojornalista foi a única na qual houve saldo negativo (demissões maiores que contratações) em todos os cinco anos analisados, resultando no fechamento de 244 vagas no período analisado.



2 Polivalência e multitarefa

Em primeiro lugar, é importante destacar que o trabalho multitarefa tem um requisito: que o trabalhador possua habilidade para executar diferentes atividades. Aqui entra a noção de polivalência, que no caso do jornalismo ganhou impulso – o que implica que ela já existia, mas não na potência atual – com a ampliação do acesso à formação profissional universitária. Afirmamos isto por considerar que, décadas atrás, quando um fotógrafo era contratado para atuar como fotojornalista, ou quando um escritor/advogado ou alguém que conseguisse escrever bem era alçado ao posto de repórter, isso se dava a partir de uma ‘monovalência’, ou seja, de uma expertise que estava relacionada apenas à função que ele viria a exercer. Mas num contexto de produção capitalista flexível, bem como de proliferação de híbridos (LATOURE, 2013), principalmente a partir do final do século XX e início do XXI, ter conhecimento ou habilidade em uma única área passa a ser menos valorizado dentro do Jornalismo do que possuir variados conhecimentos ou habilidades, mesmo que menos aprofundados. Isso, de certa forma, é possibilitado – embora não exclusivamente – pela chegada às redações de profissionais que aprenderam a produzir para diversas mídias, valendo-se de variadas linguagens, através de múltiplos gêneros e formatos, nos cursos universitários (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). Ser polivalente implica que a pessoa é capaz de ter múltiplas habilidades, que tem várias capacidades. Isso é um diferencial competitivo para ingressar ou se manter no mercado de trabalho. Mas tê-las não implica usá-las ao mesmo tempo ou no mesmo emprego/trabalho. Aqui entra a importância da noção de multitarefa, ou seja, da execução de múltiplas atividades. E embora os autores consultados para este artigo não façam tal distinção – pois, como explica Souza (2007, p. 153) “na prática, o que se estabelece é a exigência que os trabalhadores [polivalentes] sejam multifuncionais” – achamos relevante apresentá-la, posto que consideramos a primeira inevitável no contexto universitário contemporâneo, mas vemos a segunda como uma opção política e/ou profissional. Ou seja, não necessariamente precisam andar de mãos dadas, embora isso dependa da consciência dos problemas causados pelo modo multitarefa bem como da força política para negociar ou impor tal visão favorável ao trabalhador.

Assim, hoje é comum encontrar repórteres que captam fotos e vídeos ou que editam e publicam as próprias matérias em texto escrito, fotos, áudio e vídeo; fotojornalistas que captam fotos e vídeos, ou mesmo editam vídeos; diagramadores que montam infográficos, entre outras convergências possíveis.



Flexibilidade, a 'palavra mágica', definidora do regime de acumulação em vigor, está presente em todas as formas de manifestação da vida social [...]. Na redação jornalística, expressa-se na polivalência funcional, no padrão multitarefas, o que significa que o jornalista – mesmo ocupando preferencialmente um determinado posto de trabalho na linha de produção, como o de editor ou de repórter – poderá ser chamado, a qualquer tempo, para a execução de outras funções, e precisará estar prontamente habilitado para isso (FONSECA, 2005, p. 273).

Tal acúmulo de funções está relacionado à busca pela redução de custos operacionais das empresas jornalísticas e, por isso, ligado também à redução do número de profissionais dentro do quadro da empresa, bem como à extinção de algumas funções tradicionais do setor.

A alta rotatividade e competitividade do mercado impulsiona um processo de precarização de remuneração e jornada em que os profissionais passam a se sujeitar a cargas maiores de atividades ou acumulam funções para se manter no emprego, bem como existe também uma aceitação maior à perda salarial, em que muitos aceitam receber menos do que suas qualificações mereceriam, para poder se manter no mercado (NICOLETTI, 2019, p. 27).

Um caso emblemático ocorreu em 2013 quando o jornal estadunidense *Chicago Sun Times* demitiu toda a equipe de fotojornalismo – 28 profissionais – e transferiu aos repórteres de texto⁵ a função de captar imagens. Isso implica que compreendemos as imagens para além da linguagem, ou seja, que são mais do que “textos visuais”, como sugerem Costa e Schiavinatto (2016, p. 20) quando dizem que elas definem “em meio a um complexo jogo entre visualidades, dispositivos, instituições, tecnologias, discursos, figurações, materialidade, poderes, desejos, linguagens, processos de significação coletivos partilhados e entremeados a processos de subjetivação, operações de memória-esquecimento”. Segundo Silva Júnior (2014), esse processo de acúmulo de funções foi concebido por Tim Knight, consultor que já havia feito o mesmo no *Newsday*. O autor destaca que tais mudanças pressupõem que haverá uma adaptação dos profissionais de texto à linguagem visual ou que será necessário investimento em formação posterior.

Esse caso extremo não é – pelo menos até o momento em que finalizamos este artigo – a regra nas redações, que parecem adotar um meio termo: redução das equipes de fotografia acompanhada de estímulo aos repórteres para que também capturem imagens. Mas isso implica que passa a ser necessário dominar diversas ‘gramáticas’ e tecnologias. “A polivalência passa a ser um denominador comum, nada

⁵ Embora não seja um termo usual, nos valemos da expressão “repórter de texto” para indicar os jornalistas que têm como função principal a produção de relatos escritos.



mais que uma condição precedente e necessária para se situar no mercado de trabalho” (SILVA JÚNIOR, 2014, p. 62).

No trabalho em modo multitarefa, a quantidade – ou seja o número de tarefas realizadas – é mais relevante que a qualidade de cada atividade feita, o que implica que ele tem potencial para gerar produtos de baixa qualidade (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). Lenzi é um dos autores que se mostra preocupado com as consequências desse acúmulo de atividades.

A busca pelo repórter super-homem pode fazer com que empresários e gestores exijam que um único profissional cumpra funções antes realizadas por mais pessoas; e, ainda, de que jornalistas encarem esse desafio diante do risco de perder os empregos, mesmo que para isso reduzam a qualidade técnica do material final ou até mesmo a intensidade do trabalho de apuração ou checagem (LENZI, 2015, p. 365).

Além do apontado acima há ainda duas questões que merecem atenção: a perda de espaço dos especialistas e a qualidade mínima desejada de um profissional que atua em modo multitarefa.

Em nossa pesquisa vimos o encolhimento das contratações de fotojornalistas e editores de fotografia, sendo as atividades de ambos repassadas a repórteres e redatores. E embora isso seja previsível quando se transita de um modelo fordista rumo a outro toyotista, a questão central que precisa ser apontada é que o conhecimento aprofundado em uma atividade (por exemplo, na linguagem visual) está sendo trocado pelo conhecimento superficial em um maior número de atividades, necessário para que o trabalhador possa atuar em diversas funções.

Mas até que ponto esse conhecimento superficial é suficiente para que um trabalhador execute determinada tarefa? A resposta não é simples, pois depende da qualidade desejada para o produto. Se tomarmos como exemplo uma fotografia jornalística, qual parâmetro pode ser usado para determinar essa qualidade? Se optarmos pelos aspectos técnicos, diferenciaremos fotos obtidas com câmeras profissionais das feitas por *smartphones*. Se o parâmetro escolhido for a informação contida na imagem, questões ligadas à linguagem visual, misturadas com uma visão jornalística, deverão ser levadas em conta. E se o foco estiver na beleza da imagem, aspectos relacionados à estética e à composição terão prioridade. Mas como escolher o parâmetro de avaliação adequado ao jornalismo quando pouco se conhece da linguagem visual?

Fetiches tecnológicos podem estar distorcendo a visão dos tomadores de decisão, algo que possivelmente teve peso na escolha dos jornais estadunidenses citados acima quando demitiram todo seu grupo de fotojornalistas. E se decisões estéticas ou relacionadas à linguagem visual são confundidas com gosto pessoal, restam como relevantes a visão jornalística – compartilhada por todos os profissionais



da redação – e a qualidade técnica – algo bastante desenvolvido nos dispositivos digitais. Isso leva a que – aparentemente – um repórter ou redator que vá captar fotos ou vídeos não necessite de conhecimentos específicos de linguagem visual, mas tão somente de um bom *smartphone*.

Há aqui, no entanto, inúmeros apagamentos: a melhor câmera de celular está muito aquém das possibilidades diversas da mais barata câmera DSLR; o desconhecimento da linguagem visual leva a pessoa a captar imagens a partir de seus gostos e repertório pessoais, que podem ser limitados; a prioridade de um repórter ou redator estará sempre no texto, e a imagem será geralmente um complemento, o que leva a que na falta de tempo seja ela a prejudicada; entre outros que poderíamos elencar.

A pesquisa de Lima e Mick (2022) evidencia a atuação multitarefa ao mostrar que apenas 1,5% dos profissionais contratados em empresas de mídia atua como repórter fotográfico e 1% como repórter cinematográfico, embora 16,4% indiquem produzir fotografias e 7,8% captar vídeos. O trabalho traz respostas interessantes quando, após questionar a função exercida pelo profissional dentro da empresa, pergunta se há exercício de outra atividade: “Jornalista (produção e reportagem), editora, revisora, fotógrafa”, ou então “faz tudo”, “faço todos os processos”, “variável” ou “multitarefa” apareceram para mais de um respondente (LIMA; MICK, 2022, p. 64). Os pesquisadores afirmam que, para a pergunta a respeito da função exercida,

a diferença entre o número de respostas e o de respondentes foi muito notável, com quase quatro vezes mais respostas do que os 1.314 respondentes, sendo o número total de respostas válidas consideradas, 5.009. Esse dado pode ser visto como um possível indicador de acúmulo de funções entre jornalistas na mídia (LIMA; MICK, 2022, p. 65).

Por fim consideramos relevante apontar que sendo formas de comunicação diferentes, textos e imagens necessitam de conhecimentos diferenciados para serem produzidos e editados. Mesmo com formação polivalente oportunizada por uma graduação em Jornalismo, e a conseqüente possibilidade de se ter domínio em diversas áreas, a sobrecarga gerada pela realização de variadas e diferentes tarefas não permite ao profissional dispor do tempo necessário para que os percursos de cada linguagem possam ser adequadamente acessados.



3 Um olhar para o dia a dia

Ao longo da observação participante, acompanhamos o trabalho de 29 profissionais em três veículos, sendo que todos possuíam diversos conhecimentos que os habilitavam a realizar diferentes atividades. A formação para isso veio de maneiras bastante diversificadas, não necessariamente universitária. Não recebemos menção contrária à formação polivalente, exceto a reclamação de um editor que considerava a graduação daquela região muito focada no texto, o que levaria – segundo ele – a um entendimento compartimentado das diferentes mídias e linguagens. Mas registramos diversas colocações favoráveis à formação múltipla, como ocorreu, por exemplo, quando uma jornalista afirmou que sua função era contar a estória, independente da forma que tivesse para fazer isso.

Esses conceitos de cinegrafista, de repórter ou de... vai se perdendo. Acaba virando tudo uma coisa só. [...] um profissional multimídia. A missão dele é passar a informação seja ela como que for. Se eu estou no momento que o fato está acontecendo, eu não vou ignorar de fazer um vídeo porque eu não sou cinegrafista (SUJEITO-01⁶).

O mesmo conhecimento amplo que possibilita a essa repórter usar a linguagem que considera mais adequada à estória também permite que profissionais transitem de área dentro da empresa. Fomos informados, em uma das redações, que há poucas décadas atrás esse trânsito ocorria apenas entre as funções ligadas ao texto, sendo geralmente uma mudança de editoria. Tivemos, no entanto, relatos de um profissional de tratamento de imagens que passou a trabalhar como programador ligado à produção de especiais, um infografista que se tornou montador de vídeo, e mesmo de um profissional de tratamento de imagens que foi deslocado temporariamente para atuar na equalização de cores de vídeos. Todas essas mudanças só se realizaram porque os profissionais possuíam conhecimento para atuar na área/função para a qual se deslocaram.

Mas se a polivalência parece ser vista de forma positiva, o mesmo não pode ser dito da atuação em modo multitarefa, que divide as opiniões. Em todas as redações fica muito claro que tal modo de trabalhar é, em primeiro lugar, uma solicitação/imposição da empresa.

⁶ Entrevista realizada em 16/02/2018 com uma repórter de texto de um veículo da região sul.



No primeiro mês que eu tava aqui no JORNAL⁷ a chefe da WebTV falou assim 'aqui você tem que saber fotografar e filmar'. E aí no começo a gente tem aquela resistência, né. Que a gente acha que o trabalho de vídeo é do cinegrafista e o trabalho de foto do fotógrafo. Foi difícil quebrar isso. [...] Os meus colegas de rua, quando veem a gente [...] fazendo, rola aquela chacota, né, a brincadeira. [...] 'Você virou cinegrafista?'. Ou tipo assim 'ô lôco, hein, devia ganhar dois salários' ou essas coisas... 'Para de fazer; se você não parar de fazer o pessoal vai acostumar'. [...] Tem uma luta da classe. Dois trabalhos ao mesmo tempo. Mas a gente tem que se adequar. Se enquadrar ao serviço. Porque o mercado de trabalho tá tão competitivo. (SUJEITO-02⁸)

Fala que explicita tanto a resistência do profissional quanto a de seus colegas de profissão, mas também uma certa busca em se adequar para manter o emprego.

No entanto há quem discorde e ache que é possível fazer de tudo um pouco, como a repórter que nos disse que "se uma pessoa consegue fazer três coisas bem, se ela sabe fazer as três coisas, então ela pode fazer as três funções tranquilamente". Isso ficou muito claro no relato de uma jornalista que nos contou como atuava em seu primeiro emprego, logo após graduar-se em jornalismo.

Tinha que ir dirigindo pra pauta. A gente chegava lá, pegava a câmera – o próprio repórter – e primeiro fazia entrevista pro impresso, anotava no caderno as informações. Depois eu combinava com o entrevistado 'ó, vou gravar um videozinho contigo, ali de um minuto, só falando... eu faço a pergunta antes, depois ela vai ser cortada, e aí tu só fala o que é o projeto, ou o que é a ação que tá acontecendo'. E aí eu posicionava a câmera na frente dele, fazia a pergunta. A gente já tinha algumas... as noções da universidade, de questão de enquadramento... mas aí os fotógrafos – e a gente tinha um cinegrafista também que não podia sair sempre com a gente – eles também nos davam um auxílio. [...] 'ó, tem que cuidar, cortou um pouco da cabeça. Bota ele no lado, que a gente pode botar uns graficozinhos aqui no outro lado'. E aí a gente mesmo gravava esse videozinho de um minuto. Fazia uma produção de imagens de apoio pra depois, se precisasse, cobrir aquela entrevista. (SUJEITO-01)

Ela conta que ao retornar à redação gravava um *off* e deixava a câmera, junto com anotações contendo dados da matéria, para os estagiários que montariam o vídeo.

Mas mesmo entre os que consideram esse acúmulo viável recebemos comentários sugerindo que o tempo de realização da tarefa e a remuneração também deveriam ser ampliados. Algo explicitado por uma editora, que comentou:

⁷ Ocultamos os nomes de veículos e editorias a fim de preservar o sigilo das fontes.

⁸ Entrevista realizada em 28/02/2018 com um repórter fotográfico de um veículo da região centro-oeste.



É quase uma coisa de revolução industrial, né? Você, tem mais tarefas pra executar no mesmo tempo de antes. Esse tempo teria que ser revisto. E a questão da remuneração também. Tudo bem fazer várias coisas, desde que eu seja remunerado pra fazer várias coisas. O problema é que se remunera pra fazer uma e se inclui duas, três. (SUJEITO-03⁹)

Recebemos relatos de repórteres de texto destacando que em pautas onde há muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo – como em um evento com diversas forças políticas ou uma manifestação de rua – é muito mais difícil captar informações para produzir um texto e fotografar (ou captar vídeo). Nesses casos a presença de um repórter fotográfico não só é importante como sua parceria relevante, até mesmo para dar conta da multiplicidade de coisas ocorrendo paralelamente. SUJEITO-04¹⁰ nos contou que durante a cobertura de um evento ligado ao governo estadual as imagens produzidas pelo repórter fotográfico ajudaram a descobrir – já na redação – a presença de pessoas que não havia encontrado naquele momento, e que puderam ser ouvidas mais tarde, por telefone. Por outro lado, sem precisar se preocupar em ter de conversar com diversas pessoas, o repórter fotográfico pode buscar cenas representativas do evento, mais carregadas de informação e expressividade do que seria possível em imagens posadas.

Mas o modo multitarefa de trabalho está longe de ocorrer somente no processo de captação de informações. Dentro das redações acompanhamos diversos momentos nos quais o mesmo profissional precisava realizar diversas atividades – às vezes paralelamente –, muitas das quais ligadas às imagens. Algo extremamente comum foi ver um repórter ou redator atuar como ‘editor de fotografia’ e selecionar as imagens que foram usadas na matéria, decidir o corte (por vezes uma escolha entre duas ou três opções dadas pelo sistema de publicação), bem como o tamanho e a posição na página. Acompanhamos uma repórter durante o processo de publicação de uma matéria e a observamos realizar esse trabalho. Ela explicou que buscava olhar todas as que foram produzidas, através das miniaturas, e que procurava alguma correlação entre a foto – principalmente a primeira – e o título. A atuação da foto em reforço ao texto nos foi apontada por outros jornalistas, que indicaram caminhos semelhantes para realizar suas escolhas na edição de imagens. E foi criticada por diversos repórteres fotográficos e editores de fotografia, como SUJEITO-05¹¹: *“Pro repórter a coisa tem que ser muito literal. Tipo, ‘tô falando disso então a imagem tem que dizer exatamente o que eu tô escrevendo’. E não necessariamente. O que tá escrito já tá lá. [...] É sair do óbvio”*. Mas essa consciência não parece existir. Para selecionar as outras fotos que foram usadas na matéria a repórter citada acima explicou que buscava *“diversificar os ângulos, diversificar os temas, que é pra dar uma leveza. [...] Eu procuro sempre [...] uma foto que*

⁹ Entrevista realizada em 07/03/2018 com uma editora de um veículo da região centro-oeste.

¹⁰ Entrevista realizada em 07/03/2018 com uma repórter de texto de um veículo da região centro-oeste.

¹¹ Entrevista realizada em 03/04/2018 com um editor de fotografia de um veículo da região sudeste.



chama atenção. O que eu tenho percebido é que fotos de pessoas chamam bastante atenção” (SUJEITO-04). Isso sugere quão experimental pode ser o processo de edição de um repórter, e quão empobrecido ele fica quando comparado ao trabalho de um editor de fotografias.

O corte de uma função pode impactar diversas atividades ao seu redor, num efeito em cadeia para diversos atores. Vimos isso quando cruzamos os relatos de uma das redações pesquisadas. Ali, pouco antes do início de nossa pesquisa, a editora de fotografias havia sido demitida. Sua função foi absorvida por um dos repórteres fotográficos que, no entanto, não tinha o mesmo tempo disponível dela, porque precisava cobrir pautas. Assim, não só o trabalho de edição foi impactado – houve menos direcionamento dos fotógrafos, menor acompanhamento dos trabalhos realizados, a seleção de imagens passou a ser feita de forma mais expressa, entre outras transformações – mas também outras áreas sofreram modificações. Uma diagramadora nos relatou que em diversas matérias passou a precisar escolher as fotos a serem usadas. “Ela [a editora demitida] ficava o dia inteiro [...]. Ele [o editor-fotojornalista] às vezes bota vinte fotos [na pasta da matéria]. Por isso que eu tenho que escolher. Ela botava quatro”. Isso não só aumentou o trabalho – e a responsabilidade – da diagramadora, como alterou os agentes decisórios dentro da redação, uma vez que a diagramadora passou a ter mais influência que o editor de fotografias na escolha das fotos usadas em diversas matérias.

Por isso é relevante destacar que o modo de atuação multitarefa traz problemas para a qualidade das notícias produzidas. Em duas das três redações pesquisadas havia um profissional que ficava durante todo o dia vasculhando o site em busca de problemas no uso das imagens, algo necessário em função das publicações feitas por repórteres e redatores.

O EDITOR¹² fica o dia inteiro entrando e arrumando, entrando e arrumando, entrando e arrumando. Ou a gente vê a foto não tratada, ‘puxa, dá para arrumar’. A gente tá arrumando o avião voando. [...] A gente entrevistou o Bial. Aí você entra na galeria é o Bial na mesma pose mexendo basicamente o braço. [...] Mas pra quê? Não é necessário uma galeria. Aí tira e bota só uma foto. [...] Eu acho que a hora-jornalista é muito valorosa pra ele estar fazendo uma coisa tão mecânica, que é subir, e principalmente ele não tem a sensibilidade visual necessária pra fazer a melhor galeria. É difícil pra ele fazer uma narrativa visual, com as fotos. [...] Que a ideia principal das galerias é ser uma narrativa. Então a gente vai tentar treinar. (SUJEITO-06¹³).

Dois outros problemas parecem ser maiores quando as fotos são publicadas por profissionais do texto: a não observância às outras possibilidades de compreensão das imagens, e a publicação da mesma foto em diversas matérias. Ambos poderiam ser minimizados ou mesmo evitados com a presença de um editor de imagens, profissional

¹² Ocultamos o nome citado a fim de preservar o sigilo das pessoas envolvidas na pesquisa.

¹³ Entrevista realizada em 05/04/2018 com uma editora de um veículo da região sudeste.



com conhecimentos da linguagem visual e que ao centralizar a escolha evitaria ou minimizaria a repetição.

A atuação multitarefa também gera pressão sobre aquele profissional que vê sua especialidade sendo 'invadida' por um colega generalista. É o que ocorre com alguns repórteres fotográficos cuja produção passa a 'concorrer' com a feita, via *smartphones*, por repórteres de texto, que as enviam em poucos segundos às redações. Algo difícil de fazer quando se está focado na construção de informações visuais e, principalmente, quando se está usando uma DSLR. Assim, observamos que algumas vezes o repórter fotográfico precisa mudar o planejamento de captação porque o colega de texto já produziu e enviou para a redação fotos similares à algumas que ele havia feito. Fato que tem potencial para gerar atrito entre os profissionais, como um debate que acompanhamos em uma das redações.

Chegamos na pauta, era um cara que tava ameaçando se jogar da ponte. [...] eu comecei a fotografar, [e] ela pegou o telefone e fez umas cinco ou seis fotos e mandou pra redação. [...] E não mandou texto nenhum. [...] Ela dizia 'ah, é meu trabalho, eu sou repórter, eu tenho que fazer isso'. Eu digo 'ah, mas eu tô aqui; eu sou fotógrafo' [...] Quando saem sozinho tudo bem, né. [...] Mas se tem um fotógrafo junto, pô, deixa a gente trabalhar. (FOTOGRAFO¹⁴).

Ouvimos uma versão um pouco diferente da repórter.

A gente foi numa pauta, o fotógrafo estava fazendo as fotos com a câmera dele, e eu fiz fotos com o celular e mandei pra redação. Pra postar no online. E ele não gostou. [...] E aí eu falei 'olha, eu respeito o teu trabalho, [...] só que eu sou jornalista e jornalista não só escreve; jornalista faz foto, faz vídeo. Foi o momento, eu fiz a foto e mandei pro online publicar. Por que tu tava ocupado fazendo as fotos. Então agora o online já tem e já deve estar publicando'. [...] Era uma tentativa de suicídio na ponte. [...] se ele se jogasse a gente teria de primeira mão porque estávamos lá. E no momento ele tava ocupado. Ainda não se tem muito a cultura de... aquela questão de colocar o cabo na máquina e mandar do celular. [...] Eu acho que é trabalhoso. Tem que ver questões pra melhorar isso de uma forma que seja mais rápida. [...] Então a gente [...] faz foto de celular e manda. O repórter manda. Tem fotógrafo que não se importa, e tem fotógrafo que se importa. [...] Eu mandei no dia porque [...] ele não tem a cultura de mandar pro celular. Ele chega aqui [na redação], descarrega o material e avisa o online [...]. Foi uma questão profissional de colaborar pra que a notícia fosse publicada. (REPÓRTER).

Nesse caso chamou nossa atenção a argumentação da repórter de que o fotógrafo estaria 'ocupado' fazendo as fotos, e por isso ela captou imagens para enviar logo à redação. Também ganha evidência a importância dada por ela em registrar um possível suicídio, quase ao vivo, para o veículo. Nos valem de Nicoletti (2019, p. 66) também para refletir sobre esse caso: "Esse 'regime de pressa' deteriora o pensamento

¹⁴ Ocultamos o nome a fim de preservar o sigilo das pessoas envolvidas nesse atrito. O mesmo vale para o trecho citado da repórter, a seguir.



e exclui o senso crítico do dever ser profissional. Busca-se então atender às demandas de mercado, ao invés de atender ao interesse público”.

Essa pressa – ou a falta de tempo para executar todas as atividades que lhe são atribuídas, que leva a realizar tudo em ritmo acelerado – chamou muito a nossa atenção ao longo da observação participante, posto que foi abordada pela quase totalidade dos profissionais que acompanhamos e entrevistamos. Ela está intimamente conectada à redução do número de profissionais nas empresas e ao consequente aumento da carga de trabalho daqueles que permanecem. Mas também possui relação com o aumento de dispositivos que precisam ser gerenciados, com o incremento de mídias que precisam ser produzidas, bem como com a cultura da instantaneidade, que trouxe a necessidade de publicar a notícia em um tempo muito curto.

Em um dos jornais que acompanhamos, SUJEITO-07¹⁵ nos contou que foi enviado a outro estado para realizar fotos. Pegou um avião cedo, chegou no outro estado após cerca de uma hora, alugou um carro, dirigiu até a cidade por mais uma hora, fez o trabalho, voltou ao aeroporto, pegou outro avião, chegou e enviou o material para a redação. No outro dia o trabalho foi criticado por um editor, que lhe disse que a qualidade não estava boa. “Como ficar bom? Sou humano! Estava cansado. Foi muito corrido”, disse, visivelmente contrariado com a cobrança feita.

Nicoletti (2019) alerta que a intensidade do trabalho no modelo flexível, aliado por vezes a longas jornadas, “gera produtores ansiosos e adoecidos, suscetíveis a deslizamentos técnicos e éticos e, em muitos casos, a adaptar-se a práticas e rotinas incompatíveis com o papel social da mídia” (NICOLETTI, 2019, p. 43).

Mas alguns profissionais demonstraram incorporar essas cobranças, tentando adaptar-se ao tempo exíguo, por mais que enxerguem a dificuldade em produzir materiais adequados.

A gente fica com sentimento, às vezes, de que gostaria de ter feito um trabalho mais completo [...]. Talvez o que implica mais nessa correria é a falta [...] de aprofundar no assunto, de você conseguir pegar mais riqueza de detalhes. [...]. Mas a gente acaba se adaptando. A gente acaba vendo uma forma pra poder fazer com qualidade, [...] mas numa forma ágil, que é o que o online exige. (SUJEITO-08¹⁶)

É importante compreender que mesmo um processo tradicional de trabalho – como a captação de fotos por um repórter fotográfico – é impactado pelo modo multitarefa de trabalho, já que o aumento do número de afazeres a serem realizados reduz o tempo que se tinha para fazer até mesmo as atividades mais comuns

¹⁵ Entrevista realizada em 05/04/2018 com um repórter fotográfico de um veículo da região sudeste.

¹⁶ Entrevista realizada em 06/03/2018 com um repórter fotográfico de um veículo da região centro-oeste.



Assim, a escassez de tempo faz com que a foto produzida por um repórter de texto que sai sozinho para uma pauta esteja muito provavelmente fadada a ser resolvida em poucos segundos. Porque o foco principal do trabalho dele não é a imagem.

Vai muito da questão do tempo [...] que a gente tem pra produzir aquela pauta. Porque a gente já tem que pensar na outra, porque tem trânsito na cidade... Então às vezes é só o clic-, sem muita produção, sem muito pensar. O que geralmente o fotografo faz é enquanto você está entrevistando alguém, ele já está estudando o terreno. [...] Ele tem tempo pra produzir essa foto enquanto a gente tá ali escrevendo. (SUJEITO-01)

A falta de tempo também dificulta que o profissional possa experimentar algo diferente, trocar experiências ou estudar.

A pressa [...] impede você de parar e pensar. [...] O tempo é o nosso grande complicador [...]. Existe uma pressão interna [...] tem que botar coisa no ar, tem que botar coisa no ar. [...] Então isso tudo influencia na composição da imagem. [...] O texto você resolve muito rápido. [...] A imagem não [...]. E se você não tem tempo pra pensar, normalmente é a imagem que vai ser sacrificada, não é o texto. [...] Porque você pega uma pesquisa, os dados tão na tua mão. A foto não está. Se você não tem tempo pra pensar aquilo, você vai acabar resolvendo de outra forma, com uma foto de arquivo, com uma foto... Você não vai produzir uma imagem pensada. Você vai adaptar uma imagem que já existe àquele conteúdo. Aí vão surgir aquelas pesquisas de IBGE com foto de gente em morro. Que é a foto mais óbvia, mas é a que consegue resolver rápido. (SUJEITO-03).

A fala desta editora aponta para outra consequência da opção pelo modo multitarefa e pela prioridade em reduzir custos: o uso de imagens gratuitas, obtidas a partir de assessorias, redes sociais, cidadãos, bancos de imagens sem custo, entre uma miríade de opções hoje disponíveis. Ao compararmos as duas edições da pesquisa 'Perfil do Jornalista Brasileiro' vemos que houve uma redução na produção de imagens pelos profissionais das redações. Na primeira (LIMA; MICK, 2013) 35,4% dos respondentes disseram produzir fotografias, número que caiu para 16,4% na segunda (LIMA; MICK, 2022). Uma possível explicação é a de que nesse período houve um incremento no uso de imagens gratuitas, o que poderia estar a substituir, em parte, o trabalho dos profissionais do veículo.

E mesmo em reportagens, onde tradicionalmente há mais tempo para captar e editar os materiais, a necessidade de atuar em várias frentes vêm reduzindo o espaço que pode ser dedicado a cada tarefa. Porque um repórter fotográfico dificilmente irá apenas produzir fotos, e possivelmente precisará usar um *drone* (o que inclui planejamento do voo para obter as imagens desejadas), captar vídeos (o que engloba todo o cuidado com o áudio e a estabilidade das imagens), baixar e armazenar fotos e vídeos, eventualmente enviar essas fotos e vídeos para a nuvem ou redação, ou realizar capturas com outras câmeras (subaquática, de ação, 360, etc.). Um repórter voltado à



produção de grandes reportagens e materiais especiais valeu-se de uma metáfora para nos transmitir a sensação que têm.

O tipo de trabalho no jornal que a gente faz com fotografia é como andar de trem e ficar olhando tudo passando pela janelinha. [...]. Tu não desce de nada pra ver com calma. [...] As coisas passando e falando 'nossa, olha que legal!', e você não consegue se aprofundar em nada. (SUJEITO-09¹⁷).

O encurtamento do tempo chega ao limite com o desejo de veicular conteúdos instantâneos. Isso motivou uma editora a defender que a produção de vídeos – montados na redação a partir de material captado em pauta – deveria ser substituída por transmissões ao vivo. O que implicaria, de um lado, que todo repórter precisaria ter desenvoltura para entrar ao vivo, mas também que todo repórter fotográfico precisaria incorporar habilidades de transmissão ao vivo pela tecnologia disponível naquela redação. O que, além do próprio cuidado com áudio e vídeo inclui questões como o monitoramento do nível de sinal da internet e gerenciamento do tempo de *delay*. Ou seja, a incorporação de novas habilidades e atividades, para profissionais que já estão no limite do acúmulo de tarefas.

4 Considerações finais

Talvez a parte mais visível de todo o processo descrito acima seja a tendência à redução ou mesmo ao fim da presença de especialistas nas redações. Quando todos precisam fazer de tudo um pouco, o aprofundamento vai apenas até o mínimo necessário. Mas será esse 'mínimo' suficiente para que se tenha um jornalismo de qualidade aceitável?

A precarização do trabalho no jornalismo é tratada como 'o novo normal' por Örnebring (2018, [s. p.]) porque é aceita "como parte natural do jornalismo por estar alinhada com as principais normas profissionais". Após fazer um estudo comparativo entre seis países, o autor (ÖRNEBRING, 2016) concluiu que as práticas e rotinas profissionais precárias são internalizadas pela categoria como parte da cultura organizacional, como sendo algo imutável, inerente à profissão. Contudo, a precariedade laboral é resultado de estratégias institucionais modeladas pelas empresas de acordo com os objetivos do negócio, que acabam impactando em todo o processo de produção. Apesar de muitos profissionais, iniciantes e sêniores, se demonstrarem desconfortáveis com as condições precárias, eles veem este movimento com normalidade (NICOLETTI, 2019, p. 41).

À medida que vão perdendo espaço dentro das redações, os especialistas na linguagem visual – fotojornalistas e editores de imagem, em especial, foram os que

¹⁷ Entrevista realizada em 26/04/2018 com um repórter fotográfico de um veículo da região sudeste.



detectamos em nosso estudo – vão notando que o jornalismo não lhes oferece uma carreira longa nem uma perspectiva de crescimento.

Sinto falta [da presença de um editor de fotografia no veículo] e me dá medo, porque onde é que eu vou chegar? Acabou aqui? Não tem mais pra onde? [...] Não tem! Acabou! [...] Eu tô com seis anos de profissão [...]. Eu acho que o jornal chega no teto, aonde eu já cheguei, que não tem outro cargo pra eu ir, e eu acho que a minha perspectiva é [...] produzir mais trabalho autoral. (SUJEITO-02).

A perda de qualidade técnica, estética e informativa nas imagens que vêm sendo produzidas – ou simplesmente usadas – pelo jornalismo foi um viés que chamou nossa atenção já no processo de mapeamento de produções contemporâneas, no início de nosso estudo. Ao longo da observação participante, o contato com o trabalho de repórteres – fotográficos e de texto – nos levou a refletir a respeito de algumas possibilidades que possivelmente estejam levando a tal queda. Entre as diversas relações que podem ser feitas – muitas das quais apresentamos acima – o fato que mais nos chamou atenção foi a reiterada reclamação por falta de tempo para realizar todas as tarefas elencadas ao longo do dia. Apesar de isso ter sido mais agudo nas redações de médio porte do sul e centro-oeste, também foi visível na grande redação do Sudeste.

Neste trabalho, buscamos relacionar questões que ao longo da tese não estiveram tão próximas, em função da sequência argumentativa construída para aquele trabalho. Por isso aqui aproximamos mais a falta de tempo observada (que nos parece uma ‘consequência’) do modelo de flexibilização que vem sendo adotado (que compreendemos como uma das possíveis – ou mesmo a principal – causas dessa aceleração).

Talvez vista sob a ótica das teorias da Administração ou da Economia, a opção por flexibilizar o trabalho de jornalistas possa parecer interessante, posto que permite maior acumulação de capital. Mas vista pelo ponto de vista do trabalhador jornalista e, principalmente, do Jornalismo, é uma escolha ruim, posto que não apenas adoece e desestimula aquele que produz as notícias, como também mina o processo jornalístico, tornando-o superficial e apressado. Algo com potencial para agravar a crise que se instalou a partir da virada do século, porque pode nos levar a competir com as informações que circulam nas redes sociais.



Referências

COSTA, Eduardo Augusto; SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco. Cultura visual: apontamentos sobre um campo disciplinar. *In*: COSTA, Eduardo Augusto; SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco (orgs.). **Cultura visual & história**. São Paulo: Alameda, 2016. p. 11-31.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia**: reestruturação produtiva sob o capitalismo global. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5023>. Acesso em: 27 set. 2022.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LENZI, Alexandre. Batman versus Super-homem: uma metáfora dos quadrinhos para o estudo do jornalismo multimídia. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, Curitiba, p. 355-374, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/42919/26991>. Acesso em: 05 set. 2023.

LIMA, Samuel; MICK, Jacques. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

LIMA, Samuel Pantoja (coord.); MICK, Jacques. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quórum Comunicação, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em: 27 set. 2022.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446>. Acesso em 29 set. 2022.

SALAVERRÍA, Ramon; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona, Espanha: Editorial Sol90, 2008.

SILVA JÚNIOR, José Afonso. Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos? **Contemporânea**, Salvador, v. 12, n. 01, p. 55-72, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/9795>. Acesso em: 27 set. 2022.

SOUZA, Luciene Maria de. **As transformações no mundo do trabalho**: um estudo sobre a precarização e qualificação profissional dos operadores de telemarketing na cidade de Uberlândia, MG. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14050>. Acesso em: 27 set. 2022.